



Roças tradicionais: sua mística e suas técnicas

Marcilene Martins Lescano

Rosa Sebastiana Colman

Veronice Lovato Rossato

Introdução

O presente estudo realizar-se-á vinculado ao programa de Mestrado PPGT/FAIND - EDUCAÇÃO e TERRITORIALIDADE da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), ano 2018. O tema escolhido é *Roças tradicionais: sua mística e suas técnicas*. O campo de estudo será na T.I. Takuapery, município de Coronel Sapucaia, MS.

Hoje as comunidades indígenas, assim como outras populações empobrecidas, estão muito perturbadas com a influência do tipo de produção capitalista baseada no dinheiro e no lucro, que é predador da diversidade cultural e biológica. No caso da produção agrícola, parece que não estão se dando conta de que, num tempo muito próximo, não teremos mais o que comer, pois o que se cultiva são monoculturas (em Mato Grosso do Sul tem soja, milho, cana, eucalipto, gado) e as aldeias indígenas estão cercadas com este tipo de produção que contamina e empobrece o solo, além de não produzir alimentos para consumo interno.

Hoje os Guarani e Kaiowá lutam para recuperar as terras perdidas na colonização e ainda correm o risco de perder mais, inclusive as que já foram demarcadas. No entanto, foram engolidos pela ideia sedutora de seguir o modelo dos não indígenas, para ter dinheiro mais fácil, sem pensar nas consequências para o modo de vida indígena e como cidadãos: saúde, cultura, espiritualidade, alimentação,

organização social, autonomia, enfim, para o *teko porã* (bem-viver). Para garantir tudo isso, não é só a terra que precisa ser retomada, mas todo o jeito de viver próprio, ainda que modificado, garantindo os valores tradicionais fundamentais.

Uma das coisas que esse novo sistema político e econômico colonizador tirou dos Kaiowá e Guaraní foi a produção de alimentos, da forma como tradicionalmente o povo a conhecia. Nos últimos 30 anos a mudança foi radical entre os mais jovens, por causa das influências externas, tais como projeto governamentais, escola, igrejas, ingerências políticas regionais e mídia. Esses fatores afastaram os mais jovens dos ensinamentos que deveriam ser aprendidos e praticados, no sentido de plantar, cuidar da terra, da mata, dos animais, da espiritualidade que envolve tudo isso, das técnicas e conhecimentos necessários para dar certo os seus empreendimentos: um ecossistema adequado, local e tempo certo para plantar, cuidado com o solo e com as sementes, rituais e rezas e para nascer e crescer bem, evitar o ataque de pragas, para trazer de volta os *jára* (donos) que se afastaram por causa do abandono das práticas tradicionais, regras de relacionamento humano com as plantações.

Na aldeia Takuapery, hoje, os jovens não se interessam mais pela produção de roças. A alimentação deles consiste, basicamente, em produtos industrializados que, mesmo sabendo prejudiciais à saúde, só isso é consumido. Os mais velhos, como eram acostumados a consumir alimentos sem prejuízo à saúde, hoje, ao fazerem uso de produtos industrializados, não acreditam que vá lhes fazer mal. Acreditam que sempre haverá um antídoto para neutralizar o efeito ruim de algum alimento. Mas as doenças recorrentes nos tempos atuais estão se propagando entre a população indígena, como obesidade, diabetes, cardiopatias, câncer. Entretanto, quem ainda mantém roças tradicionais são os mais velhos, que plantam principalmente mandioca, milho, batata doce, abóbora, melancia, banana, entre outros. Estas pessoas são autossustentáveis e surpreendem por sua produção variada e orgânica, capaz de alimentar suas famílias e ainda sobra um pouco para venderem e para prover a próxima produção.

Há uma profunda preocupação entre os professores indígenas quanto aos rumos das políticas públicas atuais, planejadas para fazer das aldeias grandes áreas de monoculturas, financiadas pelo governo ou por particulares. A ideologia por trás destas ações, além do lucro para os ruralistas (não para os indígenas), é a velha política integracionista que visa, em primeiro lugar, tirar dos indígenas as suas terras, mas também seu modo de ser no universo, com suas crenças e práticas tradicionais, e

transformá-los em cidadãos comuns e periféricos da sociedade. A integração teria como pressuposto ideológico a inclusão na sociedade nacional, mas o modelo econômico atual prevê que os índios, pobres, negros, imigrantes sejam, de fato, excluídos da sociedade.

Brand já dizia (1998, s/p, apud ROSSATO, 2002, p.60) que sob a ótica dos Estados, não se trata mais tanto de integrar os índios, como até há pouco. Integrar a quê? Como mão de obra [...] não existe mais interesse. Como consumidores também não. Nesta concepção econômica de cidadania, os indígenas são considerados supérfluos, pois, para viabilizar o desenvolvimento econômico, apenas 20% da mão-de-obra disponível será necessária. Certamente, aí não estarão os índios. Ou seja, não se enquadram em nenhuma categoria econômica, portanto, são excluídos enquanto cidadãos e deveriam desaparecer, pois, conforme analisa Brand (1998, s/p), para merecer viver têm que mostrar-se útil à sociedade, ou mais exatamente, à economia. (Apud ROSSATO, 2002, p.60). Para este modelo econômico capitalista e concentrador, nos últimos anos, principalmente, recrudescer a luta pela terra: os donos da economia querem, mais do que nunca, os últimos espaços de terra ainda disponíveis aos povos indígenas. E para que isto seja alcançado, os índios devem desaparecer. Uma das estratégias usadas é transformar as terras indígenas em grandes extensões de lavouras com monocultura, através do arrendamento para grandes latifundiários, mostrando que aos índios não interessa o modelo de produção cultural que sempre os caracterizou.

Segundo Brand (1998, s/p, apud ROSSATO, 2002, p.60), a situação deste povo é dramática, já que, além da exclusão dos resultados do trabalho e da imensa riqueza regional, sofrem, historicamente, violenta exclusão cultural, agravando cada vez mais o preconceito e a rejeição por parte do entorno regional. Ou seja, os povos indígenas perdem as suas práticas de produção de alimentos e de relação com a terra e, perdendo seus referenciais culturais, perdem qualidade de vida pela adoção de outro tipo de alimentação e, por fim, perdem a terra e a vida.

A autora desta pesquisa sabe que os Kaiowá e Guarani serão considerados apenas cidadãos periféricos, vivendo sem seus referenciais e facilmente manipulados e consumidos como mão de obra barata; e que a pouca terra disponível não mais será utilizada para produção de alimentos saudáveis, mas para o latifúndio. Como dizia sua avó Elicia Ribeiro: "Infelizmente, tem muitos patrícios que estão cegos com a ideia de ganhar muito dinheiro e, com isso, deixam a própria vivência de lado, como a língua, a

religião, as roças, desvalorizando a gente mesmo. Sobre isso, a autora indígena enfatiza a importância da língua étnica: *ôé a alma que contém todo nosso conhecimento e espiritualidade, que nos põe em contato com o que temos de mais profundo e importante na nossa vida. E isso vale também para os conhecimentos da produção e preservação de alimentos e da natureza. Por isso, o deslocamento linguístico e todas as perdas que ele provoca, acarreta um desastre cultural, pois estas sabedorias não se recuperam em outra língua, pois a língua original é carregada de cultura. Por isso, conhecer e entender as expressões linguísticas referentes aos conhecimentos sobre a natureza e a produção de alimentos é fundamental para mostrar a riqueza do estudo sobre as roças tradicionais.*

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa etnográfica sobre os processos de transmissão de valores e saberes tradicionais sobre roça tradicional, conhecidos e um pouco praticados ainda hoje, pelos Kaiowá, na Terra Indígena Taquaperi, município de Coronel Sapucaia, em Mato Grosso do Sul. Seria uma maneira de fortalecer e valorizar o mundo Guarani e Kaiowá em suas formas peculiares de ser e de viver, a espiritualidade e a cosmovisão, especialmente quanto à produção autossustentável de alimentos e ao relacionamento com a terra e a natureza.

Como objetivos específicos, a pesquisa vai procurar descrever as práticas tradicionais relacionadas com a terra e a natureza, e especificamente sobre a produção de alimentos, tais como as técnicas de produção e modos de organização familiar envolvidos nesta atividade, suas funções, seus valores e suas rezas e benzimentos, seus mitos e *járas* (donos), suas histórias, suas regras, calendários, cuidados, entre outros conhecimentos; mostrar que a produção de alimentos, da forma tradicional, é autossustentável para a família e que também produz excedentes comercializáveis, aprofundando estes conhecimentos para encarar sem medo e sem desconfiança essas verdades tradicionais; incorporar e praticar as técnicas e conhecimentos sobre alimentos que a natureza e a cultura oferecem, não só guardar na memória; sistematizar um vocabulário em língua kaiowá e guarani sobre a produção de alimentos; registrar, para mais tarde divulgar, estas práticas e saberes tradicionais na escola, na comunidade e na sociedade em geral, para que as novas gerações conheçam e todos respeitem e pratiquem esses valores e conhecimentos no âmbito familiar e comunitário; valorizar e incentivar as pessoas sábias, os que têm o dom de plantar, para que não sintam mais vergonha e possam repassar seus conhecimentos, com tranquilidade e segurança; conhecer a produção de alimentos na história kaiowá.

Como metodologia serão usados recursos da observação etnográfica, acompanhando todo processo de produção de alimentos de uma família específica, suas regras, ritos e práticas, e os processos derivados, como o consumo e a distribuição; entrevistas com os conhecedores do assunto; descrição da própria experiência familiar da pesquisadora com a roça; fazer um levantamento da produção de alimentos nos grupos familiares da aldeia (quem, quanto, onde, tipo, técnicas operacionais e espirituais, com quem, resultados), para ver o índice de produção tradicional ou não; leituras bibliográficas, para conversar com outros autores indígenas e não indígenas sobre o tema pesquisado; registrar e sistematizar as palavras na língua tradicional, conforme elas forem aparecendo nas conversas e no campo; tudo será gravado e filmado para servir de material para a escola e para divulgar estes conhecimentos.

Na análise de Colman (2007, p 91) para abordar o conceito de sustentabilidade, a partir das comunidades indígenas:

é primordial compreender o conceito de natureza. E para isso se faz necessário desarmar-se do conceito ortodoxo, ocidental e capitalista, que percebe a natureza de forma hierarquizada, de dominação e de forma separada e compartimentada. E observar com sensibilidade é dar-se conta de que é possível, como para os povos indígenas, relacionar-se com a natureza de forma diferenciada, sem dominar, sem tanto transformar e mais compreender os diferentes processos que aí ocorrem. Assim, a sustentabilidade para essas populações depende mais da capacidade de compreensão, respeito e integração do que de dominação e transformação da natureza.

Outro aspecto importante para se pensar a sustentabilidade é que, na concepção das sociedades indígenas, há uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social (ARRUDA e DIEGUES, 2001, p.32 Apud COLMAN, 2007, p 91). Daí a importância de abordar estas três dimensões na pesquisa.

Ao referir-se aos desafios na relação entre sustentabilidade e cultura indígena, Gallois (2005, p.35) observa que:

O que parece mais urgente [...] é fortalecer a capacidade dos índios, de suas comunidades e organizações representativas, em desenhar e gerir projetos. Projetos que só poderão alcançar metas de sustentabilidade quando forem apropriados e implementados no âmbito de redes de relações locais. Onde o local não significa o autárquico pois [...] a lógica da produção indígena implica sempre no dar e receber, na troca. O fortalecimento dessas experiências indígenas exige o empoderamento de sua capacidade de gerir as transformações em seus modos de vida e em suas formas de articulação aos contextos regionais tão variáveis. Esta é, provavelmente, a dinâmica mais enriquecedora da política de sustentabilidade que todos almejamos ver construída em aldeias indígenas.

Sobre a importância da produção de roça como forma de manter a terra, Colman apresenta a opinião de alguns indígenas, como Sabino, da aldeia Pirajui, que lembra do questionamento dos não índios: "para que querem terra se não trabalham?". Segundo ele, "não adianta a gente pegar uma terra e sentarmos e ficarmos esperando, não pode, nós devemos mostrar para os não índios que nós somos trabalhadores, nós índios, índio guarani e tanto o kaiowá". (COLMAN, 2006, p. 102).

Ou como aparece no relato de Delosanto Centurion, que mostra uma perspectiva não capitalista para o uso da terra:

A terra é importante pra nós por causa da roça. E da roça que precisam mais, os mais novos, vocês mulheres têm que casar e construir sua casa e fazerem suas roças, para comermos. O que falta pra nós é a roça, a terra, para comermos, pra preparar, e não é pra ser lucro apenas. Porque o lucro pra nós não resulta em nada. É só pra trabalhar, pra plantar.

E se a gente trabalha em nossa roça resulta em muita coisa, qualquer hora você acha o que seja proveitoso, para você comer. (COLMAN, 2006, p. 99)

As roças são importantes para os Kaiowá e Guarani, tanto para a sua sobrevivência física como cultural, devido ao seu significado cosmológico. E a relação entre a terra e os aspectos da cosmologia vinculados ao uso que se faz da terra também transparece numa perspectiva pedagógica (como pretende a pesquisadora), na fala de outro Guarani: ãa terra vai servir pra nós repassar, repassar tudo que a gente tem, de acordo com a nossa visão, pras crianças e, também, ensinar as crianças que a terra pra nós não é pra gente chegar e ai ficar e depois dizer que essa terra já não vale mais e vamos venderö (COLMAN, 2006, p. 143).

A questão da agricultura é importante na vida dos Kaiowá e Guarani, pois sempre foram e são agricultores, profundos conhecedores dos ciclos da terra, dos melhores solos, das variedades de produtos, como tipos de mandioca, feijão, de abóbora e de milhos (COLMAN, 2006, p. 111). Mas, como o contexto territorial não é mais o mesmo de antigamente, o uso da terra e da produção agrícola se alteraram, como os Kaiowá e Guarani se relacionam hoje com a terra e, principalmente, como produzem seus alimentos: ainda mantêm seus referenciais culturais na produção de roça? Será que os Kaiowá e Guarani ainda acreditam que a reza vai fazer voltar as condições para boas práticas de sustentabilidade, como diz Martins: ãÉ como a reza voltar, o espaço vai ajudar nós, o espaço vai ajudar nós em muitas coisas do nosso modo de serö? (COLMAN, 2006, 144)

BIBLIOGRAFIA

BRAND, Antônio. **O confinamento e o seu impacto sobre os Guarani/Kaiowá**. PUCRS, 1993, 276 p. (Dissertação de Mestrado).

_____. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani**: os difíceis caminhos da Palavra, tese de doutorado, História da PUC/RS, 1997, 382 p. (Tese de Doutorado).

COLMAN, Rosa Sebastiana. **Território e sustentabilidade**: os Guarani e os Kaiowá de Yvy Katu. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local. **Campo Grande**: Universidade Católica Dom Bosco, 2007.

CONTINI, A.Z., COSTA, R.B., REGO, F.L.H. Identificação e caracterização de variedades de milho e mandioca dos índios kaiowá e guarani. In: **III Encontro de Pesquisa e Iniciação Científica** ó III ENPIC, 2003, Campo Grande.

GALLOIS, D. Sociedades indígenas e desenvolvimento: discursos e práticas para pensar a tolerância. In: GRUPIONI, L.D. et al (orgs.) **Povos Indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade**. São Paulo, USP, 2001.

_____. Cultura indígena e sustentabilidade: alguns desafios. **Tellus** / Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas-NEPPI, ano 5, n. 8/9, abr./out. 2005. Campo Grande: UCDB, 2005.

_____. Terras Ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: FANI RICARDO. (org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da natureza**. 1 ed. São Paulo: Instituto Sócioambiental, 2004, v., p. 37-41.

MELIÀ, Bartomeu, GRÜNBERG, Georg, GRÜNBERG, Friedl. **Los Pa -Tavyterã- Etnografía Guarani del Paraguay contemporáneo**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos. Universidad Católica N.S. de la Asunción, 1976.

MELIÀ, B., TEMPLE, Dominique. **El don, la venganza y otras formas de economía guaraní**. Asunción del Paraguay, CEPAG, 2004.

ROSSATO, Veronice Lovato. Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul. *Será o letrado ainda um dos nossos?* Dissertação de Mestrado. Campo Grande: UCDB, 2002

SCHADEN, Egon. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária Ltda., 1974.

SILVA, Joana Fernandes. **Os Kaiowá e a ideologia dos projetos econômicos**. Dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Sociais, UNICAMP, SP, 1982.